

II Ciclo de Conferências «Literatura Escrita por Mulheres» 2018/2019

As sessões têm lugar às **17h30** na **Biblioteca Palácio Galveias** (Campo Pequeno, Lisboa), com entrada livre.

Organização de Isabel Araújo Branco no âmbito da linha de investigação «História das Mulheres e do Género» do **CHAM-Centro de Humanidades** (Universidade Nova de Lisboa).

Mais informações em <https://cicloliteraturaescritapormulheres.weebly.com/>

- **27 de Setembro** de 2018: «**Ana Paula Tavares**», por Ana Maria Martinho (Universidade Nova de Lisboa).
- **18 de Outubro** de 2018: «**Clarice Lispector**», por Teresa Lousa (Universidade Nova de Lisboa).
- **27 de Novembro** de 2018: «**Noémia de Sousa**», por Noemi Alfieri (Universidade Nova de Lisboa).
- **24 de Janeiro** de 2019: «**Simone de Beauvoir**» por Liliana Azevedo (ISCTE-IUL).
- **28 de Fevereiro** de 2019: «**Dulce Maria Cardoso**» por Isabel Dâmaso Santos (Universidade de Lisboa).
- **28 de Março** de 2019: «**Paulina Medeiros**» por Laura García Borsani (Universidade Nova de Lisboa).
- **18 de Abril** de 2019: «**A escrita feminina em Roma**», por Maria do Rosário Laureano Santos (Universidade Nova de Lisboa).
- **30 de Maio** de 2019: «**Hélia Correia**», por Maria Fernanda de Abreu (Universidade Nova de Lisboa).

27 de Setembro de 2018:
«Ana Paula Tavares: ritos de passagem»,
por Ana Maria Martinho (Universidade Nova de Lisboa).



Ana Paula Tavares, autora angolana de renome internacional, nasceu na Huíla em 1952. É professora universitária, historiadora e poetisa com vasta obra publicada e com uma fortuna crítica assinalável. Inaugurou o seu trabalho poético com a obra *Ritos de Passagem* (Luanda: UEA, 1985 [2ª ed. Lisboa: Caminho, 2007]) e ao fazê-lo mudou para sempre a configuração do cânone angolano pós-colonial.

Partindo deste texto inaugural propomo-nos revisitar a sua obra assinalando com particular demora o que nela se oferece como retrato da condição da mulher angolana e como validação das suas histórias.

Daremos também especial atenção às configurações contemporâneas do feminismo em África e da situação das mulheres escritoras na atualidade, num quadro que é de frequente adversidade, mas de crescente tomada de posição pública e política.

“No one but African women ourselves can bear the responsibility to protect the histories of African women and to connect them to the situations of today. We have many glass ceilings to shatter.” (Minna Salami, July 2, 2013, MsAfropolitan).



Ana Maria Martinho é professora na Universidade Nova de Lisboa - FCSH e investigadora integrada e subdiretora do Centro de Investigação CHAM. Coordenadora do Mestrado em Português como Língua Segunda e Estrangeira.

Tem Doutoramento e Agregação em Estudos Portugueses, Literaturas e Culturas em Língua Portuguesa. As suas áreas de especialização e pesquisa incluem Literatura Africana, Culturas dos Países de Língua Portuguesa, Português como Língua não Materna.

Docente ou conferencista convidada em instituições de ensino superior, nomeadamente a Universidade da Califórnia, Berkeley; Universidade Pedagógica, Maputo; City University of New York (CUNY) - The Graduate Center; Universidade Agostinho Neto, Luanda; ISCEDs do Lubango e Huambo; Universidade de Cabo Verde; Universidade Católica Portuguesa, Sorbonne Nouvelle; Oxford University, entre outras. Publicou até hoje cerca de 70 títulos, entre obras individuais, coletivas, artigos científicos e de divulgação geral e faz parte dos Comitês editoriais de quatro revistas académicas, uma nacional e três estrangeiras.

Orienta teses de Mestrado e Doutoramento e projetos de Pós-doutoramento em Portugal e no estrangeiro.

18 de Outubro de 2018:
**«Clarice Lispector: uma narrativa entre a literatura e a filosofia
existencialista»,**
por Teresa Lousa (Universidade Nova de Lisboa).



A escrita de Clarice Lispector, por vezes fragmentada e aberta, não se deixa definir através de uma categoria exclusivamente intelectual e muito menos filosófica, mas remete para um reconhecimento e uma tentativa vã de superar a agonia da existência. A Filosofia na sua escrita é o prolongamento de questões infindáveis sobre o ser e a existência. Há uma dimensão filosófica na sua obra que se prende com a angústia, com o lado “desconcertante” da vida, podendo falar-se numa dimensão existencialista, não necessariamente numa aceção pessimista.



Teresa Lousa nasceu em 1978, em Lisboa, licenciou-se em Filosofia na FCSH. O seu interesse por Estética e História da Arte conduziu-a ao Mestrado em Teorias da Arte na FBAUL, que a despertou para o interesse por temas e autores da Teoria da Arte Ibérica, nomeadamente Francisco de Holanda, autor que foi o alvo do seu Doutoramento concluído em 2013. Lecciona Estética desde 2008 e apresenta diversas sessões temáticas ao 3º ciclo (doutoramento em Ciências da Arte e do Património) na FBAUL. Actualmente é investigadora integrada do CHAM onde colabora com o Sub-grupo Gerações Hispânicas coordenado pelo Professor José Esteves Pereira. Tem participado em múltiplos colóquios internacionais e escrito artigos e capítulos em antologias em torno de temas tão diversos como: Humanismo, Renascimento, Neoplatonismo, Furor Divino e Inspiração, Melancolia, Arte Macabra, Estética do Horror e Repulsivo, Morte e Arte, Estética e Sagrado, Sublime, Teoria do Génio, Arte visionária e êxtase, Arte e Género, Pluralismo estético, Hispanismo, etc.

27 de Novembro de 2018:

«Noémia de Sousa, ou ser “África da cabeça aos pés” em tempos de colonização»,

por Noemi Alfieri (Universidade Nova de Lisboa).



A moçambicana Noémia Carolina Abranches de Sousa Soares (1926-2002) sempre recusou as etiquetas: não gostava que lhe chamassem poetisa, nem intelectual. Iniciou a publicar poemas ocultando a sua identidade, com uma assinatura que se pudesse confundir com as iniciais do irmão Nuno: NS.

Entre as capulanas da mãe, o ronga, a revolta pela exploração do seu povo e pela crescente discriminação étnico-racial num Moçambique português, mas voltado para Índico, Noémia de Sousa representou uma das poucas mulheres que se distinguiu, entre muitos homens, na sua geração. Na altura, conforme afirmou a própria Noémia, ninguém acreditava que palavras de denúncia tão fortes, contundentes, pudessem sair da caneta de uma mulher e, apesar disso, é frequentemente definida como a “Mãe dos poetas moçambicanos”.

A sua obra, publicada maioritariamente nos anos '40 e '50 do Século XX, ficou dispersa na imprensa da época, com destaque para a *Mensagem* da CEI e o *Brado Africano*, até à publicação, um ano antes da sua morte, de *Sangue Negro* pela AEMO.



Noemi Alfieri é licenciada em Línguas e Literaturas Modernas (Espanhol e Português) pela Università degli Studi di Torino, Itália, concluiu um mestrado em Língua e Literaturas Modernas (Português) na mesma faculdade. É doutoranda em Estudos Portugueses na FCSH-UNL e assistente de investigação no CHAM, no grupo Leitura e Formas de Escrita. Conduz a sua investigação sobre o tema "(Re)Construir a identidade através do conflito: uma abordagem às Literaturas Africanas em Língua Portuguesa (1961-74)", financiada pela FCT. Os seus principais interesses de investigação estão relacionados com a mentalidade censurante em vigor nos anos da Guerra Colonial/Guerra de Libertação, com os mecanismos de autocensura, a compreensão dos fenómenos de elaboração identitária e com a sua manifestação na produção literária das ex-colónias portuguesas em África.

24 de Janeiro de 2019:
«**Simone de Beauvoir**», por Liliana Azevedo (ISCTE-IUL)



Figura notável do século XX, Simone de Beauvoir (1908 -1986) foi uma das mulheres mais influentes da sua época. Assumidamente anticonformista, participou ativamente no movimento de libertação das mulheres. Autora prolífica, produziu uma obra considerável na qual se inclui ficção, narrativas autobiográficas e ensaios filosóficos. Esta conferência debruçar-se-á sobre a atualidade de Beauvoir, uma autora comprometida socialmente, que usou a escrita como instrumento de emancipação.



Liliana Azevedo é licenciada em Ciências Sociais e mestre em Estudos sobre Género. Trabalhou durante largos anos no domínio dos direitos das mulheres, a nível nacional e internacional. É atualmente doutoranda em Sociologia no ISCTE-IUL e bolseira da FCT.

28 de Fevereiro de 2019:
«Dulce Maria Cardoso»
por Isabel Dâmaso Santos (Universidade de Lisboa)



Dulce Maria Cardoso é considerada uma das escritoras mais talentosas e consagradas da sua geração devido ao estilo de escrita vivo, ritmado, envolvente e documentado que marca a sua diversificada produção literária. Apesar de a sua obra ter sido premiada nacional e internacionalmente ainda antes da publicação de *O Retorno* (2011), terá sido este romance que lhe trouxe maior visibilidade nos meios de comunicação social pelo facto de conseguir falar de uma realidade bastante complexa: os retornados. Vivido na primeira pessoa, este período da História de Portugal é contado através das vivências da história do protagonista de quinze anos que assume o fio condutor do romance.



Isabel Dâmaso Santos é doutorada em Estudos de Literatura e de Cultura, e Mestre em Estudos Românicos - especialidade em Cultura Portuguesa, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. É licenciada em Línguas e Literaturas Modernas – variante de Estudos Portugueses e Franceses e variante de Estudos Franceses e

Espanhóis. É investigadora do Centro de Tradições Populares Portuguesas / CLEPUL - Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, da Universidade de Lisboa. Colabora com o Centro de Estudos Comparatistas, como membro do Projecto DIIA – Diálogos Ibéricos e Ibero Americanos e do Projecto Lit&Tour – Literatura e Turismo. Tem artigos publicados e tem participado em diversos congressos nacionais e internacionais, com apresentação de trabalhos maioritariamente sobre a dimensão da figura de Santo António na literatura, na cultura, na arte e no turismo, mas também em torno de pontos de contacto entre as literaturas e as culturas ibéricas.

28 de Março de 2019:
«**Paulina Medeiros**» por Laura García Borsani (Universidade Nova de Lisboa)



A Paulina Medeiros de açoriano nome coube-lhe nascer no Sul da América do Sul, quase no século passado. Acompanhou idas e vindas dos ventos desse maravilhosamente complexo século enquanto com ele crescia e um ao outro se iam construindo, pois juntos viveram e juntos quase morrer iam. Ela acreditou nas suas propostas e às suas exigências sempre se entregou. Várias vezes ficou amarga, por ele e com ele. De tudo ela fez, e tudo fê-la escrever. Contava verdades a quem as soubesse ler em poemas, romances e mistérios, nos dramas, nas cartas. Dessas barricadas proclamou quebrar a injustiça que existia, e exigia mais do que se tinha antecedentes de ter sido concedido.

De um país distante e quase desconhecido como o Uruguai, pequeno e de poucas famas embora com muitos escritores, Paulina torna-se difícil de enquadrar. Não se ficou por estilos ou gerações. Aqui e hoje, ela torna-se ser fácil de ler. Porque rapidamente nos reconhecemos em alguma das suas personagens e situações. Porque o texto é coerente com a busca da realização pessoal em mulheres que, lúcidas e lutadoras, constroem um mundo melhor. Nós andamos por entre essas realidades sem reparar. Algumas delas têm-se integrado no lugar. Por isso, talvez seja bom ler nas páginas de Paulina Medeiros de quando os ventos ainda não eram o ar.



Laura García Borsani, também uruguaia, formou-se no seu país como professora de História, e depois, no seu outro país, como tradutora e mestre em estudos culturais ibero-americanos na Universidade Nova de Lisboa, Portugal.

18 de Abril de 2019:
«A escrita feminina na Roma antiga»,
por Maria do Rosário Laureano Santos (Universidade Nova de Lisboa)



Os nomes femininos não constam no rol dos escritores maiores que a tradição da Roma antiga nos legou, o que não quer dizer que a literatura escrita por mulheres não tenha existido e que não tenha chegado até nós de forma menos visível. Esta ausência justifica-se pelo papel da mulher romana, circunscrito sobretudo à família ou à religião e afastado dos cargos públicos e políticos reservados ao homem. Mesmo assim, com maior ou menor discrição, a mulher encontrou diversas formas de exercer a sua influência e poder, segundo os próprios interesses. A partir do séc. II a.C., com a intensificação do helenismo em Roma, a mulher das classes mais privilegiadas tinha frequentemente a liberdade de obter uma formação cultural muito próxima da do homem, na sua própria casa. Os autores latinos referem criticamente diferentes casos, quer de mulheres cultas quer de mulheres escritoras, que serão também comentados nesta sessão.



Maria do Rosário Calisto Laureano Santos é licenciada em Filologia Clássica pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e doutorada em Estudos Portugueses, Literatura Portuguesa dos sécs. XV e XVI, pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (NOVA FCSH). É professora auxiliar no Departamento

de Estudos Portugueses da NOVA FCSH, na área de Estudos Clássicos, e é colaboradora do Curso de Teologia da Universidade Católica, onde lecciona a disciplina de grego antigo. É investigadora integrada do CHAM – Centro de Humanidades (NOVA FCSH), no grupo Antiguidade e sua recepção, e as suas principais áreas de interesse e de investigação são a literatura latina e a cultura clássica, bem como a sua recepção na cultura europeia, áreas nas quais tem publicado artigos e participado em actividades científicas.